

# *Lembrança e nostalgia nos desacordos da memória: a cidade de Florianópolis nas últimas décadas do século XX*

Rafael Damaceno Dias\*

**Resumo:** Pretende-se explorar aqui os modos através dos quais os desacordos das memórias de grupos ou classes acerca das transformações de Florianópolis variam conforme as desigualdades experimentadas por eles no cotidiano citadino, delineando, para alguns, lembranças de vivências passadas em que ficaram marcadas dificuldades de sobrevivência de toda ordem, e, para outros, nostalgias face à perda de referências habituais.

**Palavras-chave:** cidade, memória, diferença cultural.

**Abstract:** The intention here is to explore the ways how the memories of groups or classes about the transformations of Florianópolis change according to the inequalities experimented by them in the city daily, meaning, for some of them, remembrances of the past that were marked by all kind of survival difficult and, for the other, nostalgias caused by the lost of usual references.

**Keywords:** city, memory, cultural differentia.

Na vida contemporânea, em quase todo o mundo, cidades constituem-se referências importantes e que podem ser compreendidas na sua historicidade enquanto uma construção simbólica instável na qual diferentes atores em termos culturais e sócio - econômicos estão presentes. São muitos os estudos que, em diferentes campos do conhecimento, têm procurado abordar e interpretar suas particularidades como, por exemplo, as múltiplas manifestações culturais nelas existentes, os procedimentos que pretendem dotá-las de mecanismos para a acumulação e reprodução de Capital ou ainda as vicissitudes do planejamento urbano (ou da falta dele).

Além disso, cidades surgem como um privilegiado campo de estudo para pesquisas no campo das Ciências Sociais no que tange as possibilidades de se explorar por meio da história oral os caminhos contraditórios percorridos na constituição de memórias a partir de lembranças e de recordações.

Esse artigo versa sobre isso ao apresentar, em primeiro lugar, as tensões socioculturais advindas do crescimento de Florianópolis a partir da década de 1970 para, num segundo momento, discutir como essas tensões podem ser observadas nos desacordos da memória de três depoentes em relação ao modo como isso aconteceu.

## **A cidade como tessitura e pretexto**

Assim como boa parte das cidades brasileiras, durante as últimas décadas do século XX, Florianópolis passou por uma série de transformações que se desdobraram desde o plano urbano até o demográfico. Pode-se vislumbrar, a partir de Maria Teresinha de Resenes Marcon (2000), que parte dessas transformações estiveram relacionadas com a tentativa da administração municipal e estadual de fortalecer a condição de Florianópolis enquanto capital de Estado, tendo em vista que a cidade em muitos momentos do século XX viu questionada sua posição enquanto sede do poder político e administrativo<sup>1</sup>.

\* Mestrando em História na Universidade Federal do Paraná. E-mail: rafaeldamasceno@yahoo.com.br. A origem desse artigo está relacionada com uma pesquisa de iniciação científica financiada pelo PROBIC/UEDESC realizada nos anos de 2005 e 2006 durante minha graduação em História sob orientação do Professor Dr. Luiz Felipe Falcão (Departamento de História/UEDESC). Parte das conclusões aqui colocadas foram tema de apresentação em evento internacional e estão presentes em: FALCÃO, Luiz Felipe; DIAS, Rafael Damaceno. *As errâncias da memória entre a lembrança e a nostalgia* (diferenças culturais e identificações nas representações da cidade). Anais eletrônicos do 2do. Encontro Internacional de Historia Oral. 1er. Encuentro Nacional. Panamá City: Universidad de Panamá, 2007.

<sup>1</sup> MARCON, Maria Teresinha de Resenes. *A Metropolização de Florianópolis: o papel do Estado*. 1v. Dissertação (Mestrado em Geografia) – UFSC, Florianópolis, 2000. p. 129-147.

Durante as décadas de trinta e quarenta, a cidade foi alvo da ofensiva de grupos ligados à elite têxtil do Vale do Rio Itajaí, provenientes de cidades como Blumenau que acusavam os moradores do litoral de preguiçosos e, de se comportarem como algas que viveriam ao sabor das ondas do mar<sup>2</sup>. Data desse período, mais especificamente de 1948, a realização do Primeiro Congresso Catarinense de História onde foram apresentados diversos trabalhos como o do deputado da UDN Oswaldo Rodrigues Cabral que defendia o açorianismo enquanto marca identitária para a população de Florianópolis. Pode-se perceber a partir da obra de Maria Bernadete Ramos Flores (1997) que tanto a realização desse congresso, quanto à própria tese defendida por Cabral podem ser interpretadas como respostas a aqueles que acusavam a falta de uma identidade própria como elemento responsável pelo atraso econômico das regiões litorâneas em relação às outras partes do Estado<sup>3</sup>.

O certo foi que esses ataques, apesar de encontrarem resistências, continuaram acontecendo, colocando sempre em discussão o lugar de preeminência da cidade como capital do Estado. E, nas décadas de 1960 e 1970, eles voltaram, agora ressaltando a fragilidade da economia de Florianópolis, uma vez que a arrecadação de impostos ali obtida ficava muito abaixo daquela obtida em outras cidades como, por exemplo, Joinville e Lages<sup>4</sup>.

Todavia, a partir de meados da década de 1970, esse quadro foi invertido. Leonora Portela de Assis (2000) destaca que a cidade passou a vivenciar a partir desse período transformações que alteraram bastante sua paisagem urbana e cultural. A preocupação em dar maior visibilidade à cidade, justificando sua posição enquanto capital e ainda a procura de formas de crescimento que estivessem afinadas com as diretrizes de um tipo de urbanização calcado na construção de grandes obras deram as feições para as políticas públicas adotadas e implementadas na cidade pelas autoridades e pelos empresários locais<sup>5</sup>.

Dentre aquilo que se entendia por modernização de uma cidade, o centro urbano foi verticalizado (a partir da derrubada de antigos casarões para dar lugar a edifícios), a ponte Colombo Salles foi construída (inaugurada em 1972), iniciaram-se as obras dos aterros das Baías Norte e Sul<sup>6</sup>. Na cidade, instalaram-se as sedes da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), assim como as sedes de empresas públicas como a Eletrosul Centrais Elétricas S.A. e privadas, como a do grupo Rede Brasil Sul (RBS), retransmissora da Rede Globo de Televisão. A instalação dessas empresas e instituições na cidade atraiu um grande número de novos moradores e tem sido apontado por estudos que versam sobre o crescimento da cidade como, por exemplo, pelo Centro de Estudos Cultura e Cidadania (CECCA) como a primeira das sucessivas ondas migratórias que a cidade passou a receber ao longo das últimas décadas do século XX<sup>7</sup>.

Conforme ressalta Paulo Fernando Lago (1996) grande parte desse conjunto de modificações esteve relacionado a interesses de empresários locais no fomento ao turismo. Para receber novos turistas, os acessos antes precários cederam lugar a estradas, que passaram a ligar as antigas freguesias, agora percebidas como balneários e praias, ao centro da cidade. Desse modo, uma população acostumada com um ritmo tranqüilo se comparado ao tempo frenético das grandes cidades, viu-se diante de uma outra Florianópolis que estava surgindo<sup>8</sup>.

Com a crescente valorização do solo, várias atividades foram segregadas do espaço urbano da cidade como, por exemplo, o Boi na Vara, que mais tarde passaria a ser conhecido nacionalmente como a Farra do Boi. Os espaços utilizados pelos farristas transformaram-se em loteamentos e ruas para o trânsito de veículos o que não impossibilitou que a prática

<sup>2</sup> Sobre as disputas da elite do Vale do Rio Itajaí com segmentos preeminentes de Florianópolis ver: FLORES, Maria Bernadete Ramos. *A farra do boi: palavras, sentidos ficções*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997. De acordo com a autora o romance, *Homens e algas*, de Othon Gama D'Eça que teve sua escrita iniciada em 1928, é indicativo da existência, naquele período, da percepção negativa sobre os moradores do litoral de Santa Catarina.

<sup>3</sup> FLORES, op. cit., p.113-134.

<sup>4</sup> Em relação ao fato de Florianópolis, durante esse período, ser criticada por não possuir uma economia compatível com a condição de capital de Estado, conferir: LOHN, Reinaldo Lindolfo. *Pontes para o futuro: relações de poder e cultura urbana (Florianópolis 1950-1970)*. 1v. Tese (doutorado em História) - UFRGS, Porto Alegre, 2002.

<sup>5</sup> ASSIS, Leonora Portela de. *Planos, Ações e Experiências na transformação da "pacata" Florianópolis em capital turística*. 1v. Dissertação (Mestrado em História) - UFSC, Florianópolis, 2000.

<sup>6</sup> Uma discussão sobre a modernização empreendida em Florianópolis se encontra em: PEREIRA, Nereu do Vale. *Desenvolvimento e Modernização (Um estudo de Modernização em Florianópolis)*. Florianópolis: Lunardelli, 19-. E ainda em: SANTOS, Paulo César. *Espaço e memória: o Aterro da Baía Sul e o desencontro marítimo de Florianópolis*. 1v. Dissertação (Mestrado em História) - UFSC, Florianópolis, 1997.

<sup>7</sup> CENTRO DE ESTUDOS CULTURA E CIDADANIA (CECCA). *Uma cidade numa ilha: relatório sobre os problemas sócios ambientais da Ilha de Santa Catarina*. Florianópolis: Insular, 1990.

<sup>8</sup> LAGO, Paulo Fernando. *Florianópolis: a polêmica urbana*. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 1996.

continuasse a acontecer, todavia envolta cada vez mais em distúrbios e confusões entre aqueles que defendiam sua continuação e aqueles que reivindicavam seu fim<sup>9</sup>.

Durante a década de 1970 também aconteceu uma série de modificações na estrutura econômica que existia na Ilha de Santa Catarina. As antigas unidades de produção foram desarticuladas em função da sua inoperância diante das rápidas e intensas transformações que aconteciam. A pesca artesanal que agregava grande parte dos trabalhadores da cidade cedeu lugar ao trabalho na construção civil. No caso das plantações, tal processo transformou os engenhos que produziam cachaça e farinha em lugares de visita turística<sup>10</sup>.

Todavia, durante esse período não foram poucas as pessoas que passaram a desconfiar desse tipo de crescimento de Florianópolis. Na sua coluna diária no jornal *O Estado*, Beto Stodieck, cronista dos costumes locais escrevia contra a derrubada dos antigos casarões assim como chamava a atenção para os efeitos contraditórios da modernização da cidade: “*Tem pescador da Lagoa da Conceição vendendo baleeira, sua fonte de subsistência, só pra pagar o calçamento que acabou de ser lajotado em frente a sua casa*”<sup>11</sup>.

Nas décadas de 1980 e 1990 essas transformações se aprofundam, agora em meio às tentativas, por parte de setores das elites políticas e empresariais da cidade, de torná-la uma metrópole nos moldes dos centros mais dinâmicos do país. Eduardo Guerini (2000) enfatiza que é nesse período que a verticalização das construções se acentua, a maior parte de sua população passa a residir no núcleo urbano e na década de 1990 não é mais possível delimitar as fronteiras com o município vizinho de São José<sup>12</sup>. Apesar de em alguns momentos ainda ver questionada sua pretensão em possuir hegemonia dentro das fronteiras estaduais<sup>13</sup>, sem dúvida passa a existir uma cidade bastante diferente daquela da década anterior e que vê consolidada sua posição enquanto sede do poder político e administrativo estadual<sup>14</sup>.

Essas décadas conhecidas nacionalmente como as décadas “perdidas” devido ao pequeno crescimento do PIB brasileiro em relação ao período do “milagre econômico” ocasionaram a erupção de problemas relacionados ao modelo de urbanização adotado em Florianópolis. A cidade passa a vivenciar o que as capitais de grande porte, como São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre já vivenciavam há algum tempo: trânsito complicado somado a uma elevada taxa de criminalidade<sup>15</sup>.

O crescimento não atraiu para Florianópolis apenas populações de outras grandes cidades a procura de um lugar distante do tumulto dos grandes centros, atrás da propalada qualidade de vida anunciada em campanhas publicitárias. Também atraiu pessoas, do interior e de outros estados da federação em busca de oportunidades mais dignas de subsistência. Aos antigos moradores das encostas dos morros da Capital e das margens da Via Expressa, que liga a cidade até a BR 101 e a BR 282, vem somar-se um contingente populacional em fuga das duras condições do campo e que visualiza na cidade alguma perspectiva de melhoria<sup>16</sup>. Esse crescimento pode ser percebido no quadro abaixo e que mostra que entre 1980 e 2001 a população da cidade cresceu em mais de cinquenta por cento:

Florianópolis	1970	1980	1991	2001	2006
População	138.337	187.871	254.341	342.315	406.564
Incremento populacional		26,3%	26,1%	25,6%	15,8%

Tabela I - Florianópolis: aumento numérico e percentual da população total (1970 – 2006). Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

<sup>9</sup> Acerca dos confrontos advindos da prática da farra do boi em Florianópolis ver: FLORES, op. cit., p.51-77.

<sup>10</sup> Sobre isso ver: ASSIS, op. cit.

<sup>11</sup> O ESTADO. Florianópolis, 04 novembro 1977.

<sup>12</sup> GUERINI, Eduardo. *Metropolização e Impactos Sócio – Ambientais em Florianópolis (1986 – 1996)*. 1v. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - UFSC, Florianópolis, 2000.

<sup>13</sup> Quando por exemplo é lembrado que não é na cidade que acontecem dois dos mais importantes eventos de Santa Catarina, como a Oktoberfest em Blumenau e o Festival de Dança em Joinville.

<sup>14</sup> Um exame sobre a consolidação de Florianópolis enquanto sede administrativa e política do Estado de Santa Catarina se encontra em: MARCON, op. cit.

<sup>15</sup> Sobre as contradições inerentes aos modelos de urbanização adotado por algumas metrópoles brasileiras conferir: MARICATO, Ermínia. *Urbanismo na periferia do mundo globalizado: metrópoles brasileiras*. São Paulo Perspec. Oct./Dec. 2000, vol.14, no.4, p.21-33.

<sup>16</sup> Uma discussão sobre os dados referentes ao crescimento populacional da cidade se encontra em: GUERINI, op. cit.

Esse movimento de atração de novos moradores e de especulação imobiliária continua em curso e pode ser percebido, por exemplo, na construção de mais dois shoppings na cidade, o Iguatemi e o Floripa Shopping, no recém construído túnel da Via Expressa Sul que liga o centro ao aeroporto Hercílio Luz e no recém construído Costão Golfe, na parte norte de Florianópolis. Na cidade discute-se hoje sobre a ampliação de sua rede hoteleira, da sua estrutura viária, e da reforma do estádio de futebol do Figueirense Futebol Clube como formas de tornar viável a adoção de Florianópolis como uma das sedes da Copa do Mundo de 2014.

Pode-se perceber que esses dois conjuntos de fatores, o crescimento da cidade e a chegada de novos moradores, deram ensejo ao surgimento de conflitos e tensões socioculturais em Florianópolis que tenderam a ser explorados por grupos políticos locais.

Durante o ano de 1996 e 1997, por exemplo, foi possível assistir a um confronto entre empresários e movimentos ambientalistas em torno da implementação de alguns empreendimentos na Ilha de Santa Catarina, tais como o Resort Costão do Santinho e o Porto da Barra da Lagoa. Conforme enfatiza Márcia Fantin (2000), uma das táticas utilizadas por esses empresários para desqualificar o movimento ambientalista foi caracterizá-lo como um movimento composto por estrangeiros que pretendiam impedir o crescimento de Florianópolis<sup>17</sup>.

No meio político partidário tais confrontos puderam ser percebidos na disputa eleitoral acontecida em 1996 onde o comitê de campanha de Ângela Amin tentou veicular a imagem de Afrânio Boppré a uma suposta invasão gaúcha na cidade. Durante aquela eleição, outros candidatos também exploraram a idéia de que a cidade, que já teria sido melhor e mais harmoniosa, estava sendo *tomada* pelos invasores<sup>18</sup>.

Atualmente tais tensões ganham visibilidade nos lugares freqüentados por surfistas ou em articulações realizadas no sítio de relacionamento Orkut no qual existem diversas comunidades que adotam o lema *Fora Haole!* (Haole significa no Havaí: estrangeiro) como, por exemplo, no caso da comunidade Fora Haole Floripa<sup>19</sup> onde agressões verbais de toda ordem podem ser acompanhadas. No caso das praias onde o Surf é praticado é comum acontecerem pichações com esse lema no intuito de observar que surfistas de outros lugares não são bem vindos<sup>20</sup>.

De maneira semelhante a essas disputas, as tensões socioculturais advindas do crescimento de Florianópolis se manifestam na memória de seus habitantes as quais podem ser percebidas na forma como eles reconstituem esse movimento. Como exemplo disso, se analisará aqui, os depoimentos de três indivíduos que acompanharam as transformações da cidade nas últimas décadas do século XX.

### A memória e seus desacordos

Existe uma Florianópolis recordada como um lugar tranqüilo, onde as pessoas dormiam com a porta de casa aberta, não havia violência, as pessoas todas se conheciam e freqüentavam os mesmos ambientes, como as mesas do antigo Restaurante Miramar e a Praça XV de Novembro. Uma cidade lembrada como um lugar harmonioso.

Entretanto, ao lado dessa, existe outra Florianópolis, recordada como um local agitado, mergulhado num turbilhão de modernidade, caracterizada por preconceitos e dificuldades de sobrevivência de todo tipo no cotidiano citadino. Em suma, um lugar nada tranqüilo.

Dessas e de outras Florianópolis emergiu a cidade carinhosamente conhecida hoje por Floripa. Todavia, parece não existir unanimidade em relação ao movimento que possibilitou sua emergência.

<sup>17</sup> FANTIN, Márcia. *Cidade Dividida: dilemas e disputas simbólicas em Florianópolis*. Florianópolis: Cidade Futura, 2000.

<sup>18</sup> Uma análise dos conflitos em que essa temática foi explorada na cidade pode ser encontrada em: FANTIN, op. cit.

<sup>19</sup> Comunidades como esta chegam a contar com mais de dois mil membros. Segundo uma outra comunidade, a *100% Manezinho da Ilha/Floripa*, existem regras que precisam ser respeitadas por aqueles que visitam a cidade: uma delas chama atenção para que o turista não fale alto utilizando seu sotaque. Extraído do sítio em 12 abril 2007.

<sup>20</sup> Sobre os ressentimentos de pessoas residentes há muito tempo em Florianópolis as quais consideram-se incomodadas com a presença de forasteiros conferir: FALCÃO, Luiz Felipe. *Quando os "nativos" e os "haoles" se encontram*. In: Anais do XXIII Simpósio Nacional de História. Londrina: ANPUH e UEL, 2005. p 1-8.

Para Cacau Menezes, o mais conhecido jornalista em Santa Catarina, colunista social do jornal Diário Catarinense e apresentador do programa *O Ilhéu* em canal de televisão fechado, Florianópolis transformou-se num lugar difícil para se viver. Para tanto, ele destaca as transformações no bairro Coqueiros no qual viveu sua infância:

Coqueiros era um quintal. Hoje é um bairro que na sexta-feira mataram um delegado num bar ao ar livre. Antigamente a gente brincava de pegar galinha, passava o dia na praia, jogava futebol, hoje não podemos fazer isso, é impossível criar os filhos lá. Aquilo é uma selva de pedra, um caminho de bandidos que vem de São José, do Monte Cristo, que vem da Vila Aparecida... Era um bairro romântico, havia serenatas, o Luiz Henrique Rosa morava ali. Hoje ninguém conhece mais ninguém<sup>21</sup>.

As palavras de Cacau Menezes destacam as transformações do bairro Coqueiros, onde nasceu. Para ele, elas constituem um exemplo daquilo que aconteceu com toda a cidade, porque ela transformou-se num lugar pior para se viver. Parte dessa piora da cidade deveu-se, segundo ele, aos novos moradores de Florianópolis:

Eu vivi, nasci e fui criado e desfrutei dessa cidade. As pessoas eram solidárias, a cidade era menor, a cidade não tinha concorrência de fora... Hoje existe muito esgoto clandestino, as praias ficaram poluídas, os congestionamentos são imensos. (...) Na lista de procura de serviço o ilhéu, o nativo é o quarto colocado. Eles dão preferência pra paulista, pra carioca, pra gaúcho, pra mineiro, depois é que vão achar o ilhéu... Quer dizer, nós fomos prejudicados dentro da nossa cidade, nós perdemos espaço para as pessoas que vieram de fora... Então perdemos. Ganhamos em algumas coisas assim, evoluímos em serviços, mas na maioria das vezes o final foi ruim para nós<sup>22</sup>.

Segundo sua percepção, a cidade cresceu, tornou-se mais complexa e anônima, e desse modo teria perdido muitas das características que definiriam as relações sociais que organizavam a maneira de se viver na cidade. Desse modo, as lembranças de Cacau Menezes podem ser interpretadas como sintomas de um sentimento de nostalgia e de ressentimento diante das transformações que aconteceram<sup>23</sup>.

O museólogo e folclorista Gelsi José Coelho, 54 anos possui uma leitura parecida no que tange a nostalgia frente às transformações pelas quais Florianópolis passou durante as últimas décadas do século XX. Ele destaca as ações realizadas por padres católicos, a partir da década de 1960, influenciados pelas reformulações preconizadas pelo Concílio Vaticano II como o marco inicial desse processo. Para ele, a população da cidade era muito religiosa, para tanto ressalta a realização freqüente de novenas, procissões e festas de santos padroeiros, o que definia uma sociabilidade que contrastava com os desígnios da igreja: *“As mudanças não foram do progresso, mas da própria ação da Igreja Católica que eliminou muitas tradições”*<sup>24</sup>.

Gelsi Coelho afirma que as transformações passaram a acontecer de forma bastante rápida durante a década de 1970 com a abertura de estradas. Com a facilidade dos contatos e das comunicações, Florianópolis assistiu a alteração de suas antigas formas de viver:

Na década de setenta, com a abertura da rodovia BR 101, houve a entrada de um monte de gente estranha. Gente bem apessoada, com muito dinheiro, que comprava as propriedades dos pescadores com a maior facilidade, demolia as casinhas e os ranchos e construía residências bem distintas em seu lugar. Os gaúchos, que eram a maioria, erguiam, por exemplo, casas com tijolinho à vista<sup>25</sup>.

<sup>21</sup> Cacau Menezes, 49 anos, natural de Florianópolis e nela residente: depoimento concedido a Rafael Damasceno Dias em Florianópolis, 15 de novembro de 2005.

<sup>22</sup> Ibidem.

<sup>23</sup> Sobre isto ver: BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (orgs.). *Memória e ressentimento*: indagações sobre uma questão sensível. Campinas: UNICAMP, 2001.

<sup>24</sup> Gelsi José Coelho, 54 anos, natural da cidade de São José/SC. Ele reside em Florianópolis há bastante tempo e acompanhou as transformações as quais versam esse artigo: depoimento concedido a Luiz Felipe Falcão em Florianópolis, 01 de setembro de 2006.

<sup>25</sup> Ibidem.

A memória de Gelsi Coelho apresenta uma cidade que sofreu os efeitos de uma invasão. Primeiramente ocasionado pela ação de padres católicos e depois pela presença de forasteiros. Nessa memória não existe nostalgia, ainda que se possa perceber uma crítica as transformações que alteraram as sociabilidades as quais existiam em Florianópolis.

Bastante diferente de Cacau Menezes e Gelsi Coelho é a forma como Airton da Rosa, 50 anos, mecânico, oriundo de uma família pobre recorda o crescimento da cidade. Ele relembra da infância difícil na qual a comida era servida na sua casa numa espécie de alguidár: *“Não tinha prato na verdade. Fazia aquela quantidade de comida e botava um montinho pra cada um no alguidár”*<sup>26</sup>. Sem constrangimentos ele relata que passou por muitas situações difíceis pelo fato de ser afrodescendente: *“Pela idade que eu tenho sofri preconceito, claro. Estou com cinqüenta, e quem tem essa idade e disser que não passou preconceito... Passei preconceito em várias situações, principalmente em clube”*<sup>27</sup>.

Ele relembra, por exemplo, que na década de 1970 havia os clubes onde somente era permitida a entrada de brancos. Com o passar dos anos, passaram a permitir, segundo ele, a entrada de ambos, todavia colocavam uma corda para separar os grupos: *“Mas não adiantava, tinha gente que passava por debaixo da corda”*<sup>28</sup>. Entretanto, não é isso que Airton da Rosa destaca para justificar que Florianópolis tornou-se um lugar melhor para se viver:

Hoje evoluiu pra caramba. Pra mim na verdade Florianópolis cresceu quando o povo de todos os lugares veio se encontrando. Cresceu pra quem trabalha num comércio, pois tem mais facilidade de trabalhar, tem mais movimento pra realizar teu trabalho... Na antiga era difícil, tinha de suar... Se pudesse, eu não voltaria ao passado. Pra mim está muito melhor.<sup>29</sup>

Airton da Rosa, ao contrário de Cacau Menezes e Gelsi Coelho, considera que a cidade melhorou e credita isto à chegada dos forasteiros os quais dinamizaram a economia na cidade. Além disso, destaca que por sua trajetória de vida, considera positivos os contatos com as pessoas de outras cidades, para tanto ressalta as amizades que possui com pessoas não nascidas em Florianópolis.

Os depoimentos de Cacau Menezes, Gelsi Coelho e Airton da Rosa poderiam ser complementados pelos de diversos outros atores e ajudam a ilustrar por que tortuosos meandros Florianópolis, que um dia foi Desterro, tornou-se Floripa. Além de mostrarem como a memória percorre caminhos contraditórios onde se percebe a tensão presente no momento de sua elaboração, ela apresenta, nesse caso, os desacordos referentes ao modo como ocorreram as transformações na capital de Santa Catarina nas últimas décadas do século XX. Ao lidar com esses caminhos, a atividade do historiador contribui para mostrar a rica polifonia presente na cidade e, também a fértil polissemia que lhe empresta um estudo que atente à diferença cultural.

<sup>26</sup> Airton da Rosa, 50 anos, natural de São José/SC, mas que reside em Florianópolis desde a infância: depoimento concedido a Rafael Damaceno Dias em Florianópolis, 27 de setembro de 2006.

<sup>27</sup> Ibidem.

<sup>28</sup> Ibidem.

<sup>29</sup> Ibidem.